

Sigmund Freud

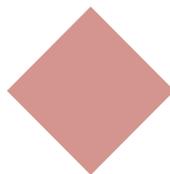


A psicopatologia da vida cotidiana

Primeira versão (1901), precedida de "O mecanismo psíquico do esquecimento" (1898)

tradução do alemão

André Carone



Blucher

Sigmund Freud



A psicopatologia da vida cotidiana

*Primeira versão (1901), precedida
de "O mecanismo psíquico
do esquecimento" (1898)*

*Organização e tradução
André Carone*



A psicopatologia da vida cotidiana: primeira versão (1901), precedida de "O mecanismo psíquico do esquecimento" (1898), Sigmund Freud

Título original: *Zur Psychopathologie des Alltagslebens (Vergessen, Versprechen, Vergreifen), nebst Bemerkungen über eine Wurzel des Aberglaubens (1901), precedido de Zum psychischen Mechanismus der Vergeßlichkeit (1898)*

Série pequena biblioteca invulgar, coordenada por Paulo Sérgio de Souza Jr.

© 2024 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Rafael Fulanetti

Diagramação Guilherme Salvador

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa e projeto gráfico Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de
Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita
da editora.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Freud, Sigmund, 1856-1939

A psicopatologia da vida cotidiana : primeira
versão (1901), precedida de "O mecanismo
psíquico do esquecimento" (1898) / Sigmund
Freud ; organização e tradução André Carone. –
São Paulo : Blucher, 2024.

216 p. : il. (Série pequena biblioteca invulgar /
coord. de Paulo Sérgio de Souza Jr.)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2204-0

Título original: *Zur Psychopathologie des*
Alltagslebens (Vergessen, Versprechen,
Vergreifen), nebst Bemerkungen über eine Wurzel
des Aberglaubens (1901), precedido de Zum
psychischen Mechanismus der Vergeßlichkeit (1898).

1. Psicanálise 2. Memória 3. Repressão
(Psicologia) 4. Psicanálise e linguística I. Título.
II. Carone, André. III. Souza Jr., Paulo Sérgio de.
IV. Série.

24-4540

CDD 150.195

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

O mecanismo psíquico do esquecimento	13
A psicopatologia da vida cotidiana (esquecimentos, lapsos de fala, descuidos) seguida por observações acerca de uma raiz da superstição	29
Prefácio à edição húngara Sándor Ferenczi	181
A linguagem do equívoco André Carone	189

A psicopatologia da vida cotidiana

*Primeira versão (1901), precedida
de "O mecanismo psíquico
do esquecimento" (1898)*



SIGMUND FREUD (1856-1939) fez, ao longo da vida, grandes viagens de verão. Começando em 1895, elas só terminariam em 1923, ano em que será diagnosticado o câncer que então lhe acomete, e também em que visitará a cidade de Roma pela sétima e última vez. Como seu coração “apontava para o Sul” — conforme justificativa apresentada à esposa, em dado momento, para deixar o pacato Tirol rumo à Europa meridional —, a maior parte dessas andanças o levaria de volta à Itália: país no qual, em Trieste, havia feito um intercâmbio de graduação, dedicando-se à dissecação das misteriosas genitálias de enguias. Na esteira do luto pela morte do pai, é numa dessas viagens que, em 1897, Freud visita Orvieto e vê os afrescos de Luca Signorelli sobre o Juízo Final; e no ano seguinte, por exemplo, na manhã do dia 8 de agosto, que, percorrendo o sul do Tirol, o norte da Itália e a Suíça, ele passa pelo distrito de Trafoi. Ainda no final daquele mês, cumpre notar, as andanças se estendem à Croácia, chegando até a Bósnia-Herzegovina; e é nesse percurso que, bebendo das águas do esquecimento, a viagem lhe

rende uma futura “bagatelazinha”, como diria a Wilhelm Fliess: trata-se de “O quadro de Signorelli”, texto que por fim seria intitulado “O mecanismo psíquico do esquecimento”. Os desdobramentos das questões mobilizadas por esse artigo, futuramente publicados no mesmo periódico — editado pelos neurologistas Theodor Ziehen e Carl Wernicke —, redundarão no manuscrito que Freud compõe ao longo de 1901, período no qual começa a redigir também a história clínica de uma paciente por ele atendida em 1900, o célebre caso Dora. Tanto que, no começo daquele ano, havia informado a Fliess que, como não estava sobremaneira ocupado, mas se via muito disposto mentalmente, estava “escrevendo dois ensaios ao mesmo tempo, isto é, fazendo um competir com o outro: além do ‘Vida cotidiana’, ‘Sonhos e histeria: fragmentos de uma análise’”. Mas é também em 1901 que a competição se mostra não restrita aos seus próprios textos; afinal, as intrigas com Fliess envolvendo os famigerados temas relacionados a autoria — que, por sinal, sempre assombraram Freud — desandariam o laço de trabalho e amizade que teceram, ao longo de centenas de cartas, o fio de Ariadne dos primórdios da psicanálise.

O mecanismo psíquico do esquecimento

*Zum psychischen Mechanismus der
Vergeßlichkeit (1898)*



O mecanismo psíquico do esquecimento¹

Todas as pessoas certamente já experimentaram em si próprias ou observaram em outras o fenômeno do esquecimento que desejo descrever e, logo em seguida, esclarecer aqui. Ele atinge preferencialmente o emprego de nomes próprios — *nomina propria* — e se manifesta da seguinte maneira: no meio de uma conversa, a pessoa se vê obrigada a admitir para o interlocutor não estar conseguindo encontrar um nome que ela queria mencionar, e pede — geralmente sem sucesso — a sua ajuda: “Como se chama o..., é um nome conhecido; está na ponta da língua, agora me escapou”. Uma irritação inconfundível,

¹ Texto publicado em *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* [Revista Mensal de Psiquiatria e Neurologia], Vol. 4, n. 6, pp. 436-443.

semelhante à de um afásico motor,² passa a acompanhar os novos esforços para encontrar o nome que momentos antes a pessoa sentia ter ao seu alcance. Duas ocorrências complementares merecem ser destacadas nos casos apropriados. Em primeiro lugar, que a aplicação intensa e deliberada daquela função por nós designada como atenção, por mais prolongada que seja, mostra-se incapaz de recuperar o nome perdido. Em segundo, que no lugar do nome procurado logo aparece algum outro, que é reconhecido como incorreto e é descartado, e que mesmo assim insiste em reaparecer. Ou ainda, no lugar do nome substituto a pessoa encontra uma letra ou uma sílaba que ela reconhece como uma parte do nome que está procurando. Ela diz, por exemplo: “começa com B”. Se por algum caminho o nome finalmente for encontrado, a grande maioria dos casos indica que ele não começa com B e sequer possui essa letra.

Como se sabe, o melhor procedimento para alcançar a posse do nome que está sendo procurado consiste em “não pensar nele”, isto é, em desviar dessa tarefa a parcela de atenção da qual arbitrariamente se dispõe. Mais adiante o nome “salta” para a pessoa que o procurava; ela não consegue se conter e o diz em voz alta, para grande surpresa do interlocutor que havia esquecido o incidente e mal havia participado do esforço da pessoa que falava. “O nome desse homem não tem a menor importância. Vamos, continue”, ele costuma dizer. No tempo

2 A afasia motora, também conhecida como “afasia de expressão” ou “afasia de Broca”, é um transtorno neurológico que se manifesta pelo fato de os indivíduos, em razão da incapacidade de ativar os músculos que produzem a fala, proferirem pouco ou nada — apesar de terem preservada a compreensão. Entre os seus sintomas típicos estão a fala entrecortada e a dificuldade de encontrar as palavras desejadas [N.E.].

que antecedeu a solução, e mesmo após o desvio proposital, o interesse pelo conjunto da situação não esclarece o grau de preocupação da pessoa.³

Em alguns casos de esquecimento de nome ocorridos comigo, pude explicar para mim mesmo por meio da análise psíquica o que havia sucedido, e quero relatar com detalhes o mais simples e evidente caso desse tipo: durante as férias de verão, parti certa vez da bela Ragusa⁴ em uma viagem de coche para uma cidade vizinha na Herzegovina; a conversa com o meu acompanhante naturalmente tratava da situação de ambos os territórios (Bósnia e Herzegovina) e da personalidade de seus habitantes.⁵ Eu descrevia as diversas peculiaridades dos turcos que ali vivem, tal como havia escutado na caracterização de um estimado colega que por um longo período atuara entre eles

3 No caso de uma ação psíquica, nem pela eventual sensação de desprazer que é provocada pela incapacidade de reagir.

4 Antigo nome da cidade croata de Dubrovnik, ainda conservado como “Ragusa di Dalmazia” [Ragusa da Dalmácia] em língua italiana [N.T.].

5 Freud viajou para a Dalmácia com Martha Bernays (1861-1951) em 31 de agosto de 1898, naquela que seria a única viagem de relativa duração que fez com a esposa. O casal pegou a balsa de Trieste para Ragusa; porém, como Martha estava indisposta, o marido fez o passeio que fariam juntos de Ragusa a Trebinje — da Croácia à Bósnia-Herzegovina, portanto — com outra pessoa: um advogado berlinense chamado Freyhau. Quando retornou para Ragusa, o casal viajou então para Kotor, Split, Trieste, Veneza e Verona. Freud acompanhou Martha até Merano e depois prosseguiu sozinho pelo norte da Itália, retornando a Viena no dia 18 do mês seguinte. Poucos dias após o retorno das férias, escreve a Fliess para contar sobre o incidente de esquecimento que marcaria a história da psicanálise. Cf. Masson, J. M. (org.). (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Imago, pp. 327-328 [N.E.].

como médico. Nossa conversa voltou-se pouco depois para a Itália e para a pintura, e tive a oportunidade de recomendar enfaticamente ao meu companheiro que ele fosse o quanto antes até Orvieto para visitar os afrescos do Fim do Mundo e do Juízo Final, ornados em uma capela da catedral por um grande pintor. Mas o nome do pintor me escapou e não havia como recuperá-lo. Forcei a memória, repassei na lembrança todos os detalhes dos dias passados em Orvieto,⁶ convenci-me de que nada havia ficado indistinto ou nebuloso. Pelo contrário, eu podia evocar as imagens com uma nitidez sensorial muito maior do que havia sido capaz antes disso; tinha diante dos olhos com uma especial clareza o autorretrato do pintor — a face austera, as mãos entrelaçadas —, que ele posicionara no canto de uma pintura, ao lado da imagem do seu predecessor naquele trabalho, *Fra Angelico da Fiesole*; mas o nome do artista, antes muito acessível para mim, insistia em permanecer escondido. Meu companheiro de viagem não estava conseguindo me socorrer; meus repetidos esforços não tiveram resultado algum, exceto pelo surgimento de dois nomes, os quais eu sabia que

6 Freud havia estado na comuna de Orvieto no ano anterior. Em 6 de setembro de 1897, na cidade de Siena, escreve a Fliess: “Como você sabe, estou procurando, na Itália, um ponche feito do Lete” — na Grécia Antiga, o rio do esquecimento. E continua: “bebo um gole aqui e ali. Pode-se saborear essa estranha espécie de beleza e a imensa ânsia criadora; ao mesmo tempo, minha inclinação para o perverso-psicológico e o grotesco vai tendo o que merece. Tenho muito que lhe contar (o que, de agora em diante, será uma senha entre nós). Próximo objetivo: Orvieto; no meio do caminho, São Geminiano. Será difícil que sua resposta me alcance; portanto, divirta-se com os sinais de vida de minha viagem, que não lhe fazem nenhuma exigência”. Masson, J. M. (org.). (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Imago, p. 336 [N.E].



Os feitos do Anticristo [L. Signorelli, 1500-1503]

não poderiam estar corretos: *Botticelli* e, em segundo plano, *Boltraffio*.⁷ A reincidência da combinação sonora *Bo* em ambos os nomes substitutos talvez pudesse levar uma pessoa desavisada a supor que ela pertencesse ao nome procurado, mas tomei o cuidado de não abrir espaço para essa expectativa.

Como não tive acesso a obras de referência durante a viagem, fui obrigado a aceitar essa lacuna da recordação e o particular tormento a ela associado, que ressurgiu várias vezes ao dia por muitos dias, até que encontrasse um italiano instruído que me libertou ao informar o nome: *Signorelli*. E então pude acrescentar por minha própria conta o primeiro nome daquele homem, *Luca*. A aguda nitidez da recordação do semblante do mestre em seu retrato logo se dissipou.

Quais influências me fizeram esquecer o nome *Signorelli*, tão familiar para mim e tão fácil de gravar na memória? E quais caminhos levaram à sua substituição pelos nomes *Botticelli* e *Boltraffio*? Um breve resgate das circunstâncias nas quais ocorreu o esquecimento foi o suficiente para esclarecer as duas coisas.

Pouco antes que chegasse ao tema dos afrescos na catedral de Orvieto, eu contava ao meu companheiro de viagem aquilo que ouvira do meu colega a respeito dos turcos na **B**ósnia. Eles tratam o médico com enorme apreço e, muito diferentemente da nossa população, mostram-se resignados frente às disposições do destino. Quando o médico da família precisa informar que a morte de algum parente está próxima, eles oferecem a resposta:

7 O primeiro nome era muito familiar para mim, enquanto o segundo era quase desconhecido.

“Senhor [*Herr*⁸], o que posso dizer? Eu sei que você o salvaria se fosse possível”. — Ao lado dessa história repousa na minha memória uma outra lembrança que o mesmo colega me havia contado: a superior importância atribuída aos prazeres sexuais na apreciação desses **bósnios**. Certa vez, um de seus pacientes lhe disse: “O senhor [*Herr*] sabe como é, se *aquilo* não funciona mais, a vida deixa de ter valor”. Parecia-nos naquele momento que seria permitido supor uma ligação íntima entre os dois traços do povo bósnio apresentados aqui. Mas no momento em que recordei essa história durante a viagem à **Herzegovina**, reprimi o último traço, que abordava o tema da sexualidade. O nome **Signorelli** me escapou e os nomes **Botticelli** e **Boltraffio** apareceram logo a seguir como substitutos.

A influência que impediu o acesso do nome **Signorelli** à recordação ou, como costume dizer, que o havia “recalcado”, só poderia partir daquela história a respeito do valor da morte e do prazer sexual que havia sido reprimida. Se assim fosse, então deviam tornar-se evidentes as representações intermediárias que haviam servido à ligação entre os dois tópicos. A afinidade dos conteúdos — aqui, o Dia do Juízo, o “Juízo Final”; lá, a morte e a sexualidade — parece muito pequena; por tratar-se do recalco de um nome para fora da memória, desde o início já era provável que houvesse ocorrido uma ligação entre nome e nome. Pois bem: **Signor** significa **Herr** [senhor]; mas o **Herr** reaparece no nome **Herzegovina**. Além disso, certamente

8 Os destaques em negrito constam da edição original de 1898, mas foram suprimidos nas edições alemãs posteriores. O espaçamento entre as letras [*Sperrdruck*] empregado em algumas passagens foi substituído pelo itálico nesta tradução [N.T.].

não era irrelevante que o médico fosse endereçado pelo termo *Herr* em ambas as falas dos pacientes que eu recordara. Portanto, a tradução de *Signor* por *Herr* era o caminho pelo qual a história que eu havia reprimido atraíu o nome que eu estava procurando. Todo esse processo foi evidentemente favorecido pelo fato de que eu falava com frequência o italiano nos últimos dias em Ragusa, ou seja, havia me habituado a traduzir do alemão para o italiano na minha cabeça.⁹

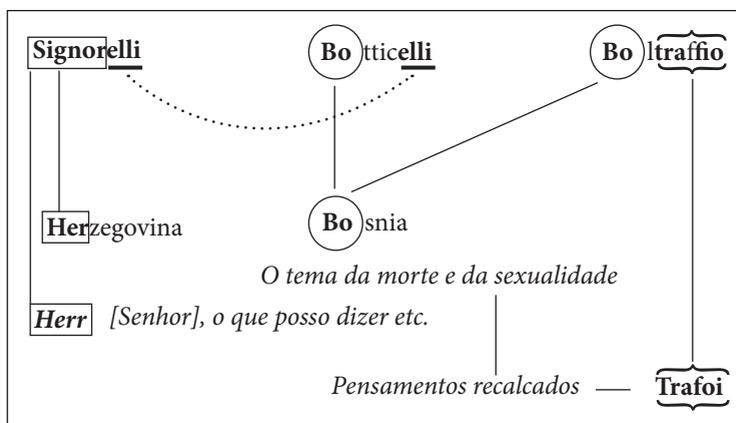
Enquanto eu me esforçava por reencontrar o nome do pintor, para resgatá-lo do recalçamento, a influência da ligação em que nesse ínterim ele havia ingressado deve ter sido exercida. Encontrei realmente o nome de um artista, mas não o correto, e sim um nome deslocado, e a linha do deslocamento partia do tema que estava contido no nome recalçado. **Botticelli** contém as mesmas sílabas finais de **Signorelli**; ou seja, haviam reaparecido as mesmas sílabas finais que não podiam ligar-se diretamente ao nome Herzegovina, como no caso da parte inicial **Signor**; porém o nome **Bósnia**, constantemente vinculado ao nome Herzegovina, demonstrou a sua influência ao direcionar a substituição para os nomes de dois artistas que iniciam com o mesmo **Bo**: **Botticelli** e **Boltraffio**. Comprovava-se assim que a descoberta do nome Signorelli era perturbada pelo tema que havia por trás dele, no qual estavam presentes os nomes **Bósnia** e **Herzegovina**.

9 Alguém dirá: uma explicação “forçada, induzida”! Mas essa impressão surge forçosamente porque o tema reprimido recorre a todos os meios para formar uma ligação com aquele que não foi reprimido e não recusa a via da associação superficial. Um tipo de imposição semelhante à criação de rimas.

Para que esse tema expresse tais efeitos, não basta que eu o tivesse reprimido uma vez enquanto conversava — algo para o qual, de fato, motivos circunstanciais foram decisivos. Pelo contrário, é necessário supor que o próprio tema apareça em cadeias de pensamento que se encontram comigo no estado de recalque, isto é, cadeias que enfrentam por parte de uma determinada instância psíquica, apesar do interesse recebido, uma resistência que as mantém afastadas da elaboração e, portanto, do acesso à consciência. Era o que efetivamente se passava comigo com relação ao tema “morte e sexualidade” naquele período, e nesse caso disponho de inúmeras provas das minhas observações sobre mim mesmo, as quais não preciso mencionar aqui. Mas posso chamar atenção para um efeito que tem início nesses pensamentos que se encontram sob o recalque. A experiência me ensinou a exigir que todos os produtos psíquicos devam ser conduzidos ao completo esclarecimento e até mesmo à sobredeterminação, e parece-me agora que o segundo nome substituto, **Boltraffio**, do qual até aqui somente as primeiras letras haviam encontrado uma justificativa pela consonância com **Bósnia**, requer uma determinação mais ampla. Recordo então que em nenhum outro momento esses pensamentos recalcados absorveram-me tanto como poucas semanas atrás, depois de ter recebido um certo recado.¹⁰ O lugar no qual eu

10 Tratava-se do suicídio de um paciente seu. Já que costumava deixar indicado onde as correspondências lhe poderiam chegar, é possível que Freud tenha recebido a notícia via telegrama em Trafoi. Mas ele também pode ter lido o *Neues Wiener Tagblatt* [Novo Diário Vienense] do dia anterior na agência dos correios do distrito, já que o fato foi noticiado em jornal no dia 7 de agosto de 1898. Cf. neste volume: Freud, S. (1901). A psicopatologia da vida cotidiana..., p. 35, nota 8 [N.E.].

havia sido confrontado com a notícia chama-se **Trafoi**,¹¹ e esse nome é demasiadamente similar à segunda metade do nome **Boltraffio** para que ele não houvesse influenciado a determinação da sua escolha. Seria possível esboçar a reprodução dessas relações que agora se tornam claras em um breve esquema:



Talvez não seja em si mesma desprovida de interesse a possibilidade de examinar os rumos de uma ocorrência psíquica desse tipo, que figura entre as menores perturbações do controle do aparelho psíquico e também é compatível com uma saúde psíquica livre de outras aflições. Mas o exemplo que foi explicado adquire grande interesse quando descobrimos que podemos adotá-lo como modelo para os processos patológicos

11 Antes de viajar com a esposa, Freud havia percorrido, na companhia de Minna Bernays (1865-1941), sua cunhada, o sul do Tirol, o norte de Itália e a Suíça, de 1º a 14 de agosto de 1898. Ambos chegaram ao distrito de Trafoi na manhã do dia 8 de agosto a caminho do Passo do Stelvio — o qual subiram de coche durante longas doze horas de viagem. Cf. Tögel, C. (org.). (2002). *Sigmund Freud. Unser Herz zeigt nach dem Süden. Reisebriefe 1895-1923* [Sigmund Freud: nosso coração aponta para o Sul. Cartas de viagem (1895-1923)]. Berlin: Aufbau-Verlag, p. 97 [N.E.].

aos quais os sintomas psíquicos das psiconeuroses — histeria, ideias obsessivas e paranoia — devem o seu surgimento: aqui e lá estão os mesmos elementos, e entre eles o mesmo jogo de forças. Da mesma maneira, e por intermédio de associações superficiais similares, uma cadeia de pensamentos recalcados apodera-se de uma impressão recente e inócua, arrastando-a para o recalque. O mecanismo que faz surgir os nomes substitutos Botticelli e Boltraffio a partir de Signorelli, a substituição por representações intermediárias ou de compromisso, domina igualmente a formação de pensamentos obsessivos e os distúrbios de memória na paranoia. A propriedade de um caso de esquecimento como esse — que de outra forma seria incompreensível, e assim permaneceu para o companheiro —, liberar desprazer de modo contínuo até o momento do desenlace, encontra sua analogia perfeita no modo como as massas de pensamentos recalcados fazem a sua capacidade de afeto agarrar-se a um sintoma cujo conteúdo psíquico parece inteiramente inapropriado para uma semelhante liberação de afeto. Por fim, o próprio encerramento de toda a tensão pela comunicação do nome correto por parte de um terceiro é um bom exemplo da eficácia da terapia psicanalítica, que almeja a correção dos recalcamientos e deslocamentos, e afasta o sintoma ao restabelecer o objeto psíquico autêntico.

Entre os diversos fatores que contribuem para a ocorrência de uma fraqueza da memória ou da ausência de uma recordação não se deve, portanto, desconsiderar a participação do recalcamiento, que pode ser assinalada não somente nos neuróticos como também em pessoas normais de uma forma qualitativamente semelhante. Em termos gerais, é permitido

afirmar que a nossa facilidade — e também fidelidade, em última instância — para despertar na memória uma certa impressão não depende somente da constituição psíquica individual, da intensidade da impressão quando ela ainda era recente, do interesse que ela havia recebido, da constelação psíquica do momento atual, do interesse que agora existe em evocá-la, das relações nas quais essa impressão foi inserida etc., mas também do crédito ou descrédito de um fator psíquico específico que se opõe à reprodução de alguma coisa que possa liberar desprazer ou resultar, mais adiante, em uma liberação de desprazer. Portanto, a função da memória, que gostamos de imaginar como um arquivo aberto a todos os curiosos, está sujeita ao dano provocado por uma tendência da vontade tanto quanto certa parcela de nossas ações direcionadas para o mundo exterior. Uma metade do segredo da amnésia histérica fica exposta quando afirmamos que os histéricos não sabem aquilo que não *querem* saber, e o tratamento psicanalítico, que vai ser obrigado a preencher essas lacunas de memória ao longo do caminho, irá compreender que a reanimação de cada uma dessas recordações perdidas enfrenta a oposição de uma resistência que precisa ser contrabalançada por um trabalho proporcional à sua grandeza. No caso dos processos psíquicos normais como um todo, não se pode alegar, é claro, que a influência na memória desse unilateral fator de revitalização de alguma forma supere regularmente todos os demais elementos em causa.¹²

12 Seria um equívoco imaginar que o mecanismo acima revelado se aplica somente a poucos casos; pelo contrário, ele é muito frequente. Por exemplo: enquanto tento contar esse mesmo episódio para um colega, de uma hora para outra me escapa

Experimentei recentemente uma amostra instrutiva — por ser dissimulada — da natureza tendenciosa das nossas recordações e esquecimentos, a qual gostaria de comunicar como um acréscimo: eu havia planejado uma visita de vinte e quatro horas a um amigo que infelizmente vive muito distante de mim, e estava tomado pelas coisas que tinha para lhe dizer. Mas antes disso eu me sentia obrigado a me encontrar, em Viena, com uma família com quem mantenho amizade, e da qual um membro se mudara para essa outra cidade, com o objetivo de transmitir lembranças e recados. Passaram-me o nome da pensão onde ele morava, o nome e o número da rua; e, por consideração pela minha memória fraca, anotaram o endereço em um cartão, que coloquei dentro da minha caderneta. No dia seguinte, quando cheguei à casa do meu amigo, logo comecei: “Preciso cumprir

o nome do interlocutor que conhecia as histórias sobre a Bósnia. A solução: eu havia jogado cartas imediatamente antes. O interlocutor chama-se *Pick* (Espadilha); *Pick* (espadilha) e *Herz* (coração) são dois entre os quatro naipes do baralho, e que aparecem juntos em uma anedota na qual esta mesma pessoa aponta para si e diz: “O meu nome não é Herz, o meu nome é Pick”. *Herz* reaparece em *Herzegovina*; entre os pensamentos que assinaléi como “recalcados” estava presente uma doença do coração. ([N.E.]: Trata-se, muito provavelmente, do médico Arnold Pick (1851-1924), que havia sido assistente de Meynert em Viena uma década antes de Freud, entre 1872 e 1874, atuando depois em Wehnen (Alemanha) e em Praga. Como Freud, ele se interessava pelo estudo das afasias e dos esquecimentos. Cumpre apontar, ainda, que, a partir da terceira edição de *A psicopatologia* (1910), uma referência ao artigo de Pick sobre o esquecimento será inserida por Freud no rodapé do Capítulo 7. Cf. Pick, A. (1892). Über die Beziehungen der senilen Hirnatrophie zur Aphasie [Sobre as relações da atrofia cerebral senil com a afasia]. *Prager medizinische Wochenschrift*, 17(16), pp. 165-167; Pick, A. (1905). Zur Psychologie des Vergessens bei Geistes- und Nervenkranken [A psicologia do esquecimento em doentes mentais e dos nervos]. *Archiv für Kriminal-Anthropologie und Kriminalistik*, 18(2/3), pp. 251-261.)

uma obrigação que pode atrapalhar o tempo que temos juntos; uma visita que quero fazer logo. O endereço está na minha carteira”. Mas, para a minha surpresa, não o encontrei ali. Agora eu estava à mercê da minha memória. Minha memória para nomes não é particularmente boa, mas é mesmo assim muito melhor do que para números e algarismos. Se frequento uma determinada casa por um ano inteiro para fazer visitas médicas, o número da casa acaba me criando dificuldades caso o cocheiro que vá me conduzir seja novo. Neste caso, eu havia prestado atenção justamente ao número da casa; ele era muito nítido, como que por provocação; mas dos nomes da rua e da pensão não havia nenhum vestígio. Eu havia esquecido todas as informações do endereço que pudessem servir como um apoio para localizar aquela pensão e guardara o número, que não valia de nada para o meu propósito, contrariando abertamente os meus hábitos. Por conta disso, não pude fazer a visita; logo depois já estava conformado e dediquei-me inteiramente ao meu amigo. Quando regresssei a Viena, diante da minha escrivania pude reconhecer, na mesma hora, o local onde eu havia colocado o cartão “por distração”. Nessa ocultação inconsciente estivera presente o mesmo propósito do meu esquecimento singularmente modificado.

“Nada de ‘tour pelo Sul’ este ano; além do mais, a companheira de viagem está em falta — por causa da doença de Minna, Martha também se encontra inamovível. Vida cotidiana verá a luz do público por esses dias, mas provavelmente nascida apenas pela metade, de modo que só poderei te enviar a separata em agosto. É grande demais para um único número da *Monatsschrift* [Revista Mensal].”

Sigmund Freud

Trecho de carta a Wilhelm Fliess,

4 de julho de 1901



pequena
biblioteca
invulgar



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A psicopatologia da vida cotidiana

Primeira versão (1901), precedida de
"O mecanismo psíquico do esquecimento" (1898)

Sigmund Freud

ISBN: 9788521222040

Páginas: 216

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
